

POLARIZAÇÃO À BRASILEIRA

Uma comédia de (maus) costumes

Priscila Menezes

Direitos Autorais

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a autorização prévia por escrito do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Ficha Catalográfica

Polarização à Brasileira - Uma comédia de
(maus) costumes
Menezes, Priscila
Edição: 1ª edição
Local de publicação: Piraquara - Paraná
Editora: Clube de Autores Independentes
Ano: 2024
Formato: Livro físico/digital
Número de páginas: 200

1. Literatura brasileira – Comédia
2. Política e políticos
3. Amizades
4. Reflexões sobre a vida – Ficção

Resumo:

A história acompanha Marcondes e Rogério, dois amigos improváveis e rivais políticos em uma campanha eleitoral acirrada. Com discursos inflamados e estratégias ousadas, os dois enfrentam debates calorosos e situações inesperadas enquanto tentam conquistar o cargo de prefeito de sua cidade. No entanto, uma reviravolta surpreendente muda completamente o rumo da eleição, mostrando que o verdadeiro valor está na amizade e no propósito maior de servir à comunidade. Uma narrativa envolvente, repleta de humor, drama e crítica social.

Prefácio

Poucas coisas na vida são tão fascinantes quanto as contradições humanas. Esta história nasceu do desejo de explorar o contraste entre o público e o privado, entre o que se espera de uma pessoa e o que ela realmente é. Aqui, os protagonistas, Marcondes e Rogério, revelam a

essência de um dilema universal: como conciliar diferenças ideológicas sem perder a capacidade de diálogo e empatia.

Entre debates acalorados e risadas compartilhadas, a trama mostra que a política, tão desacreditada nos dias de hoje, ainda pode ser um campo fértil para a união e a busca por um bem maior. Este livro não é apenas sobre eleições ou

rivalidades, mas sobre o que nos torna humanos: o desejo de fazer a diferença, a força das amizades improváveis e a capacidade de enxergar o outro além das aparências.

Espero que este livro inspire reflexões, provoque risos e deixe um lembrete: às vezes, as melhores mudanças começam com quem menos esperamos.

Boa leitura!

Priscila Menezes

Prólogo

O sol despontava preguiçoso sobre a cidade, iluminando com delicadeza as ruas cheias de vida e de histórias. Era uma manhã como outra qualquer, mas o som de passos

Priscila Menezes

decididos e vozes apaixonadas já anunciava algo maior. Ali, entre as margens do rio e as casas simples do bairro, Marcondes e Rogério surgiam como figuras centrais de um embate que prometia transformar a cidade. Ambos estavam determinados a lutar por seus ideais, a inspirar e a construir um futuro diferente. Contudo, sob o véu das rivalidades, uma amizade improvável e secreta florescia,

tecendo fios de cumplicidade entre discursos apaixonados e debates ferozes.

Neste pequeno universo repleto de contrastes, políticos ambiciosos, cidadãos esperançosos e uma trama de acontecimentos inesperados se encontram para narrar uma história de sonhos, desafios e, acima de tudo, humanidade.

Em um bairro qualquer de uma cidade qualquer, duas casas de frente para a rua eram separadas por um muro. Esse muro, imponente e robusto, não servia apenas para dividir os quintais, mas também as vidas de dois vizinhos com realidades tão

diferentes quanto seus mundos interiores.

De um lado, vivia o Sr. Marcondes, um homem que trabalhava incansavelmente para garantir seu sustento e o de sua família. Seu quintal não era grande, mas tudo ali tinha seu propósito. Um canteiro de flores cuidadosamente cultivadas, uma horta que, com os poucos recursos que tinha, produzia legumes para o almoço e um

gramado sempre aparado, embora um pouco desalinhado. Sua casa, modesta e simples, era o reflexo de sua vida. Mas, no meio da simplicidade, havia uma essência de dedicação. Ele sabia que o pouco que possuía era fruto de muito esforço e, por isso, cuidava de tudo com zelo.

Do outro lado, morava o Sr. Rogério, um homem que herdou sua casa grande, com um jardim

impecável e uma fachada reluzente, que exibia sinais de riqueza e estabilidade. Seus dias eram passados em um fluxo constante de conforto. O muro que os separava também refletia o abismo entre suas vidas, onde o luxo e a tranquilidade de Rogério contrastavam com a luta diária de Marcondes. Mas, apesar da beleza de sua casa e de sua vida aparentemente sem grandes dificuldades, o Sr.

Rogério nunca parecia plenamente satisfeito. A sensação de que algo faltava — algo que ele não podia comprar — pairava no ar.

O muro, então, não era apenas uma estrutura física que separava os dois, mas um símbolo dessa divisão cada vez mais evidente entre as classes. De um lado, um trabalhador que, apesar das dificuldades, fazia da sua vida um reflexo de resistência. Do outro,

alguém que, mesmo cercado de abundância, sentia-se vazio, preso em uma rotina de privilégios que não traziam real felicidade.

O que parecia ser uma convivência silenciosa e distante, onde cada um seguia sua vida à parte, logo se transformaria em algo muito mais turbulento, pois, em tempos de polarização e ideologias extremas, até

os muros mais sólidos acabam desmoronando.

O Sr. Marcondes, de origem simples, trazia em sua pele as marcas de uma vida de luta. Sua cor negra não era apenas um reflexo de sua herança, mas também dos sofrimentos e das batalhas travadas por seu povo, um povo que, em sua visão, ainda estava longe de alcançar a verdadeira justiça. Ele se orgulhava de ser militante, de

lutar pelos direitos dos que, como ele, eram marginalizados pela sociedade. Nada o indignava mais do que a covardia e as injustiças que viam de cima, das elites que pareciam ignorar o sofrimento dos que estavam abaixo.

Ele sabia que sua luta era grande, mas não recuava. Quando se tratava de defender os seus, a voz do Sr. Marcondes se tornava um rugido. Ele acreditava na força da

coletividade, na importância de se unir para conquistar algo maior. Para ele, a união era a chave para vencer um sistema que, na sua visão, só existia para esmagar os mais pobres, os negros, os oprimidos.

Do outro lado do muro, o Sr. Rogério, embora também com boas intenções para sua família, não compreendia a perspectiva do vizinho. Ele acreditava em um mundo onde a

solidariedade era apenas uma questão pessoal, uma ação entre amigos e família, e não algo a ser imposto de forma coletiva. Para Rogério, a verdadeira liberdade estava no direito de cuidar apenas dos seus, sem se preocupar com as lutas externas ou os problemas de quem não estava diretamente ao seu redor. Seu quintal, seu jardim, sua casa — tudo aquilo que ele possuía — era fruto de um esforço

individual. Para ele, esse era o grande mérito da vida: a autonomia, a liberdade de ser o que quisesse, sem se submeter ao peso das demandas coletivas.

Rogério sentia, em seu íntimo, uma certa inveja da altivez do Sr. Marcondes. O vizinho parecia carregar consigo um peso de autoridade moral que Rogério não sabia de onde vinha. Ele via o homem

trabalhar com esforço, lutar pelos seus direitos, e isso o incomodava. Para ele, a política era algo sujo, feito de palavras vazias e promessas quebradas. Mas, ainda assim, o Sr. Marcondes representava uma força que ele não conseguia negar.

Tudo começou a mudar no dia em que o Sr. Marcondes foi demitido injustamente de seu trabalho. A decisão foi cruel, uma afronta não só à

sua pessoa, mas também à sua dignidade e ao seu povo. Era um golpe, uma demonstração da face mais perversa do sistema que ele tanto criticava. Mas, ao invés de se deixar abater, o Sr. Marcondes transformou a dor em ação. Ele decidiu que não seria mais um homem simples, um homem invisível nas ruas de sua cidade. Ele iria lutar por mais, por algo maior: ele